

PERSPECTIVA

REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Volume 36, n. 1 – p. 244 – 268, jan./mar. 2018 – Florianópolis

ISSNe 2175-795X

A prática da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Porto Nacional no estado do Tocantins

Helena Quirino Porto Aires
Idemar Vizolli
Adriana Demite Stephani

Helena Quirino Porto Aires

Universidade Federal do Tocantins

Email: hequirino@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0002-3028-2411>

Idemar Vizolli

Universidade Federal do Tocantins

Email: idemar@uft.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7341-7099>

Adriana Demite Stephani

Universidade Federal do Tocantins

Email: astephani@uft.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6622-7097>

Recebido em: 22/03/2016
Aprovado em: 04/08/2017

Resumo

A Pedagogia da Alternância consiste numa proposta educacional que contempla, respeita e valoriza os saberes em contextos socioculturais, considerando escola-família-comunidade como espaços de produção, organização e articulação de conhecimentos, por meio dos instrumentos pedagógicos. Diante da importância dessa proposta, faz-se oportuno realizar estudos sobre como ela se estrutura e se efetiva em diversos ambientes educacionais. Nesse intento, o presente texto traz um recorte da pesquisa de mestrado em educação e apresenta uma análise das perspectivas de Pedagogia da Alternância desenvolvida na Escola Família Agrícola de Porto Nacional, TO. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa em que foram entrevistados profissionais que atuam na instituição (direção, coordenação pedagógica e professores/monitores). As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas. A análise dos dados indica que a escola pesquisada apresenta práticas ancoradas nos propósitos e fundamentos da Pedagogia da Alternância e considera os contextos socioculturais dos sujeitos que vivem no e do campo, com vistas a realizar o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da construção dos conhecimentos, da identidade camponesa e da formação integral do indivíduo. Além disso, as ações das Escolas Família Agrícolas (EFA) são realizadas por meio de estratégias pedagógicas e metodológicas em diferentes momentos (sessão escolar e sessão família-comunidade) e objetivam articular os diversos saberes por meio da reflexão-ação-reflexão.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância. Escola Família Agrícola. Educação do Campo.

<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n1p244>



Abstract

The practice of pedagogy of alternation at the national agricultural family school, in Tocantins state

The Pedagogy of Alternation is an educational proposal that contemplates, respects and values knowledge found in socio-cultural contexts, considering schools, families and communities as spaces of production, organization and articulation of knowledge, through educational tools. Given the importance of this proposal, studies are needed about how it is structured and enacted in various educational settings. With this intent, this article presents a portion of a master's study in education and an analysis of the perspectives of the pedagogy of alternation developed in the Agricultural Family School of Porto Nacional. It is a qualitative study which interviewed professionals who work at the institution (including administrators, educational coordinators and teachers and instructors). The interviews were recorded in audio and transcribed. The data analysis indicates that the school's practices are anchored in the purposes and foundations of the pedagogy of alternation that considers the sociocultural contexts of subjects who live in rural areas and who depend on it for their livelihood. This pedagogy is used to guide the teaching and learning process, which is dedicated to constructing knowledge, the identity of rural workers and provide integral education for individuals. The actions of the school are carried out through pedagogical and methodological strategies at different times (during school hours and in family-community sessions) and aim to articulate different forms of knowledge through reflection-action-reflection.

Keywords:

Pedagogy of Alternation. Family Agricultural School. Rural Education. Educational proposal.

Resumen

La práctica de la pedagogía de la alternancia en la escuela familia agrícola de Porto Nacional en el estado de Tocantins

La Pedagogía de la Alternancia es una propuesta educativa que incluye, respeta y valora el conocimiento en los contextos socio-culturales, considerando la escuela, la familia y la comunidad como espacios de producción, organización y articulación de los conocimientos, a través de herramientas educativas. Dada la importancia de esta propuesta, es apropiado realizar estudios sobre la forma en que está estructurada y como se efectiva en diversos ámbitos educativos. En este contexto, el texto presenta un recorte de la investigación de maestría en educación y presenta un análisis de las perspectivas de Pedagogía de la Alternancia desarrolladas en la Escuela Familia Agrícola de Porto Nacional. Se trata de una investigación cualitativa en la que se entrevistó a los profesionales que trabajan en la institución (director/junta directiva, coordinación pedagógica y los profesores/instructores). Las entrevistas fueron grabadas en audio y transcritas. El análisis de los datos indica que la escuela investigada presenta prácticas ancladas en los propósitos y fundamentos de la Pedagogía de la Alternancia y considera los contextos socioculturales de los sujetos que viven en el campo y del campo, con la finalidad de realizar el proceso de enseñanza y aprendizaje, la construcción de la identidad campesina y la formación integral del individuo. Además, las acciones de la EFA se realizan a través de estrategias pedagógicas y metodológicas en diferentes momentos (sesión escolar y sesión familiar-comunidad) y tienen como objetivo articular los diferentes conocimientos a través de la reflexión-acción-reflexión.

Palabras clave:

Pedagogía de la Alternancia; Escuela Familia Agrícola; Educación en el Campo; Propuesta de la Educación.

Iniciando uma conversa

A Educação do Campo, concebida como uma modalidade de ensino de ensino voltada para os povos que vivem no e do campo, vem conquistando espaços nas últimas décadas nas discussões sobre políticas públicas, bem como suscitando inúmeras pesquisas na tentativa de repensar essa modalidade de ensino. No entanto, mesmo com esse crescente interesse na área, há muito que se pesquisar e discutir sobre a real situação das escolas do campo e do ensino nelas praticado.

Pensar em Educação do Campo exige que compreendamos as características do espaço cultural e necessidades próprias do estudante que vive no e do campo, sem abrir mão da pluralidade de saberes como fonte de conhecimento prévio para a aprendizagem. Nesse sentido:

[a] Educação do Campo, construída num espaço de lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo, é traduzida como uma concepção política pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, extrativistas. (BRASIL, 2002).

Cabe destacar que essa modalidade de ensino – seguindo essa aceção, especificidades e nomenclatura – mesmo possuindo uma luta de movimentos já há certo tempo, só teve seu reconhecimento, menos de duas décadas para cá. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), mencionava em seu artigo 28, a oferta de Educação Básica para a população rural:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Entretanto, a terminologia “Educação do Campo” somente foi forjada em 1997, ganhando reconhecimento nacional após isso e sua previsão como modalidade de ensino. No entanto, apenas em 2014, inclui-se na LDB o parágrafo único que traz o termo escola do campo pela primeira vez na LDB.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (BRASIL, 2014).

É nesse contexto de Educação do Campo – vista como modalidade de ensino com especificidades que garantam as condições para uma educação de qualidade para os camponeses, indígenas e quilombolas – que a Pedagogia da Alternância¹ se caracteriza como um modo de promover a educação com características próprias para o atendimento da população do campo. Tal proposta tem sido idealizada por estudiosos como Bourgeon (1979), Gimonet (2007), Begnami (2003), Silva (2012), dentre outros, como uma possibilidade de educação que atende às especificidades da Educação do Campo.

Nesse sentido, a educação por alternância está vinculada à ideia de um movimento pedagógico dinâmico, conforme assevera Gadotti (2003, p. 48), para quem:

[a] pedagogia da alternância se apresenta como meio para atingir a finalidade de reflexão e ação e no e com o contexto do tempo. É o movimento alternado potencializado por uma organização imbricada num contexto que se propõe um processo de aprendizagem pautado na relação que diagnostica, problematiza, reflete. Dialoga, planeja e age através do coletivo.

Sob o entendimento de que a dimensão da ação e da reflexão acontece por meio do diálogo, em que o processo de ensino e aprendizagem busca a transformação da realidade (FREIRE, 1987), a alternância deve ser pensada para além de uma proposta metodológica de ensino.

Diante disso, faz-se necessário conhecer a educação que está sendo oferecida as pessoas que vivem no e do campo e nela, a concepção de educação que está sendo praticada. E, com o propósito de ampliar a compreensão sobre a efetivação dessa proposta educacional nas Escolas Família Agrícolas (EFA), o presente artigo analisa as perspectivas de Pedagogia da Alternância desenvolvida na EFA de Porto Nacional, no estado do Tocantins.

Organizando a conversa

Apresentamos aqui o relato de uma pesquisa qualitativa em que analisamos o Projeto Pedagógico da EFA de Porto Nacional, TO. Assim, lançamos mão de entrevistas semiestruturadas com questões abertas direcionadas aos profissionais da respectiva instituição (diretor, coordenador pedagógico e professor/monitor), buscando caracterizar os fatores relacionados à Pedagogia da Alternância, tanto no cotidiano escolar como nas comunidades.

A escolha dos sujeitos entrevistados considerou os profissionais que atuam há mais tempo na EFA, bem como aqueles que possuíam experiência com a proposta educacional da Pedagogia da Alternância. E, no decorrer do texto, no intuito de identificar os sujeitos entrevistados, suas falas estão indicadas pela função (Diretor, Monitor, Coordenador e Professor), seguida da numeração, de acordo com a quantidade de entrevistados (1, 2, 3).

Assim, busca-se aqui apresentar o contexto da Pedagogia da Alternância, fazendo uma análise dessa proposta de educação que é efetivada na EFA de Porto Nacional em seus diferentes contextos/espços de ensino (tempo-escola e tempo-família/comunidade), a partir dos elementos e/ou ideias expressas nas respostas dos entrevistados e documentos analisados.

O eixo condutor de nossa conversa: a pedagogia da alternância

Na educação por alternância o processo de ensino e aprendizagem acontece em espaços e territórios diferenciados e alternativos. Esta é uma possibilidade de valorização dos saberes produzidos pelos povos num processo de interação entre escola-família-comunidade.

Etimologicamente, a palavra alternância tem suas origens no vocábulo em latim *alternare*, proveniente de *alter*, que significa outro. Nascimento (2007) explica que a terminologia alternância surge pela primeira vez nos Estados Unidos em 1906 com a designação de “ritmo apropriado” e busca associar a formação geral com a formação profissional. Nesse sentido, a formação geral atualmente seria a formação integral do ser humano, estimulando sua capacidade de pensar criticamente, saber lidar com os desafios e problemas existentes na sociedade da qual ele faz parte.

Diante dos movimentos de articulação, da sensibilização campesina francesa, principiou em 1935, a primeira experiência da Pedagogia da Alternância, que dois anos depois, em 1937, daria a origem a *Maison Familiale Rurale* (MFR), ou Casa Familiar Rural (CFR), ou, ainda, Escola Familiar Agrícola (EFA), instituições que se configuraram como espaço para uma possibilidade de ensino para atender as demandas dos/das filhos/filhas de camponeses franceses e mantê-los no campo, via oferta de uma educação com qualidade (GIMONET, 1999).

A partir de 1945, essa proposta de educação por alternância foi difundida em vários países, em sua maioria na Europa, principalmente na França. Em cada localidade para onde a experiência foi levada foram feitas adaptações pelas instituições em decorrência das especificidades locais.

A primeira experiência brasileira com a Pedagogia da Alternância ocorreu em meados da década de 1960, no Espírito Santo, com a participação de várias forças sociais por meio da atuação do Padre Humberto Pietrogrande², quando foram instaladas as primeiras Escolas Famílias com base na experiência italiana (PESSOTTI, 1978).

Embora a Pedagogia da Alternância tenha surgido há décadas, ela permite a utilização de processos avançados de ensino e aprendizagem e possui conceitos que perpassam as atuais propostas educacionais, como aponta Azevedo (1998, p. 117):

Por empregar, na execução do processo de ensino-aprendizagem, princípios educativos modernos, tais como o envolvimento e a participação dos pais na educação formal dos filhos e na gestão da escola, embasamento teórico construtivista e adoção de método dialético de ensino, a Pedagogia da Alternância constitui-se numa proposta educacional inovadora.

De acordo com o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), o ensino nas EFAs intenta que o aluno descubra as “soluções concretas aos problemas que ele encontra na própria vida, a dele e também a vida de sua família, de seu meio de trabalho, de sua comunidade”, configurando-se como um ensino que instiga um “processo de descoberta, de resolução de problemas concretos, a partir de sua experiência e a partir das aquisições cognitivas proporcionadas na escola” (MEPES, 1976, p. 2). Assim, segundo o movimento, “o método de ensino ou de aprendizagem tornar-se-á mais importante ainda do que os próprios conhecimentos, pois ele constituirá um treinamento permanente na busca de soluções em todas as situações encontradas” (MEPES, 1976, p. 2). E, qual a consequência de tudo isso? Um aluno que no:

[...] fim da sua formação, terá provavelmente um número menor de conhecimentos, de noções, mas terá desenvolvido todos os processos de pesquisa, de auto-aprimoramento, tornando-se capaz de adquirir por si mesmo, os demais conhecimentos que os novos problemas ou as novas situações de vida exigirão dele. (MEPES, 1976, p. 2).

Isso porque, a

Escola-Família ajuda o jovem rural na sua formação humana e técnico-profissional de maneira a torná-lo, dentro das possibilidades, um homem preparado, responsável e dinâmico para o desenvolvimento de sua família da sua propriedade e da sua família. E, se por qualquer motivo ele não encontrar no seu ambiente a oportunidade de se formar a sua família e de se integrar numa atividade econômica, que ele seja um homem apto a tomar decisões e escolher sua profissão para o seu bem estar da sua comunidade a que irá se integrar. (MEPES, 1976, p. 90).

Nessa perspectiva, tanto para Gimonet (1999) como para Nascimento (2007), a Pedagogia da Alternância consiste numa proposta educativa de organização do ensino escolar conjugada em diferentes espaços de aprendizagem, que possibilita a formação integral dos estudantes em seus aspectos sociais, intelectuais e culturais.

Assim, configurando como uma possibilidade de valorização dos saberes produzidos pelos povos em interação entre escola-família-comunidade, a Pedagogia da Alternância é “[...] uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo” (GIMONET, 1999, p. 44). Desse modo, a Alternância significa “uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos de experiências colocando assim a experiência antes do conceito”

(GIMONET, 1999, p. 44).

Associação e participação das famílias constituem, assim, componentes indissociáveis e fundamentais na expressão das realidades, necessidades e desafios no contexto socioeconômico, cultural e político da escola, e na articulação com as organizações, entidades e movimentos presentes na realidade local, orientados para a construção de projeto não apenas para o futuro dos alunos, mas para também para a região. (SILVA, 2012, p. 182).

Assim concebendo, há a necessidade de uma relação estreita da família com a escola e vice-versa para que realmente aconteça a alternância. É nesse contexto mútuo que se constrói uma formação integral do aluno atendendo aos anseios da sociedade. Silva (2012), citando Gimonet (1998), menciona que uma verdadeira alternância não se resume à abertura de uma escola e muito menos com um ensino descontextualizado dos sujeitos envolvidos, mas, sim, na articulação entre escola, família e comunidade, construindo uma alternância integrativa. É sob esse aspecto que se insere o verdadeiro processo pedagógico para o que se propõe a formação por alternância.

A alternância é uma “compenetração efetiva de meios de vida sócio-profissional e escolar em uma unidade de tempos informativos” (BOURGEON, 1979, p. 37). Nesse sentido, a alternância possibilita aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem uma interação com o contexto escolar, familiar e comunidade, proporcionando, assim, saberes diversos, que podem contribuir na formação integral.

Nessas proposições, Girod de l' Ain (1974 apud SILVA, 2012) foi o mentor da classificação da alternância e propôs dois modelos, denominados alternância **externa** e **interna**. A **externa** consiste na relação escola-empresa, que tem como objetivo desenvolver os saberes escolares com sujeitos que já tenham experiência com o meio profissional. A alternância **interna** é articulada no meio da formação com a realização de atividades profissionais no período de estudo e não utiliza o trabalho como fator essencial para a formação.

Malglaive (1979) definiu três tipos de alternâncias que são praticadas: a **falsa alternância**, que consiste em espaços vazios durante os períodos de alternância (falta de conexão entre a formação acadêmica e as atividades práticas); a **alternância aproximativa**, que possui instrumentos pedagógicos que associam os tempos formativos limitados à observação e à análise, sem oferecer meios de atuação na realidade; e a **alternância real**, que busca a formação teórica e prática global, permitindo ao estudante a construção do seu próprio projeto pedagógico que possibilita a atuação crítica sobre a realidade.

Alguns autores como Gimonet (1982), Bachelard (1994) e Bourgeon (1979) retomam as classificações de alternância propostas por Malglaive (1979) e as readaptam com outras

denominações, e que, segundo Silva (2010, p. 185), “propõem, sucessivamente, tipologias específicas a partir de diferentes critérios: seja de disjunção e divisão entre os dois períodos da alternância ou, ao contrário, de articulação e unidade da formação entre os dois momentos”. Dentre eles, destacamos Queiroz (2004), que indica que há três tipos de alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs):

Alternância justapositiva, que se caracteriza pela sucessão dos tempos ou períodos consagrados ao trabalho e ao estudo, sem que haja uma relação entre eles. **Alternância associativa**, quando ocorre uma associação entre a formação geral e profissional, verificando-se, portanto, a existência da relação entre a atividade escolar e atividade profissional, mas ainda como uma simples adição. **Alternância integrativa real ou copulativa**, com a compenetração efetiva dos meios de vida sócio-profissional e escolar em uma unidade de tempos formativos. (QUEIROZ, 2004, p. 41-42, grifo do autor).

Como enfatizado por Silva (2010), embora cada autor apresente categorizações diversas de alternância, as tipologias estabelecidas apresentam semelhanças. Todavia, como bem destacado por Gimonet (2007), a distância entre a teoria (os nomes e conceitos dados) e a prática da alternância (o ensino que realmente acontece) ainda é bastante comum nas escolas. Encontramos pelo país diversas instituições que anunciam em seus documentos a alternância e na prática não a fazem: há apenas uma alternância de tempos e de espaços e não de ações num processo de construção do conhecimento via ação-reflexão-ação.

Como podemos perceber, a alternância é uma proposta educacional que veio como uma possibilidade de resposta à problemática dos sujeitos do campo, como bem ressalta Silva (2012), tornando-se, com o passar dos anos, uma alternativa viável e promissora para a educação dos filhos/filhas dos sujeitos que vivem no e do campo por possibilitar aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem uma interação com o contexto escolar, familiar e da comunidade, proporcionando, assim, a aprendizagem de saberes diversos, que podem contribuir na formação integral desses atores.

Sobre o que conversamos: a Pedagogia Da Alternância na EFA de Porto Nacional

Intentando conhecer como a proposta da Pedagogia da Alternância é efetivada em escolas do Campo no Estado do Tocantins, resolvemos verificar como ela é expressa no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Família Agrícola de Porto Nacional e como ela é entendida por profissionais que atuam na referida escola.

Iniciamos falando um pouco sobre a EFA de Porto Nacional. Atualmente, 389 estudantes frequentam a instituição, oriundos de 324 famílias residentes em 93 comunidades camponesas distribuídas em 49 municípios³ tocantinenses. A escola em tela oferece o Ensino

Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio (Curso Técnico em Agropecuária integrado, Técnico em Agroecologia e Magistério de Nível Médio), modalidades estruturadas dentro da proposta da Pedagogia da Alternância (TOCANTINS, 2015).

De acordo com o PPP, um importante ponto de apoio e desenvolvimento para a instituição são as parcerias por meio de convênios e projetos com instituições públicas, privadas, organizações dos movimentos sociais, famílias, jovens, organizações não governamentais nacionais e internacionais. Dentre essas parcerias, ressalta-se o convênio firmado com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que resultou na criação do curso de Magistério em Nível Médio, cujo objetivo é formar profissionais habilitados para atuar na Educação Infantil (creches e pré-escolas) e 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio na proposta da Pedagogia da Alternância é voltado a atender os agricultores assentados ou reassentados pela reforma agrária e é ministrado nos meses de janeiro e julho, sendo as despesas com alimentação, transporte, material escolar, pagamento de professores e equipe administrativa custeadas pelo INCRA e o PRONERA (TOCANTINS, 2015).

A instituição possuía no ano de 2015 uma equipe de 44 profissionais e, ainda, estabelecendo parceria com seus 389 jovens camponeses e suas respectivas famílias de agricultores (num total de 324) com a Associação de Apoio a Escola, a Comunidade de Saúde Desenvolvimento e Educação (COMSAÚDE) e parceiros da sociedade civil e estatal.

A formação inicial e continuada de servidores, famílias, lideranças comunitárias, jovens estudantes e ex-estudantes é articulada com diversas instituições, entre elas, a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), a Associação Internacional *Maisons Familiales Rurales* (AIMFR), a Secretaria de Educação de Estado do Tocantins (SEDUC) e o Ministério de Educação (MEC) (TOCANTINS, 2015)

A Pedagogia da Alternância desenvolvida na EFA de Porto Nacional é voltada para o atendimento da população que vive no e do campo, possuindo um processo formativo que ocorre em diferentes espaços (escola-família-comunidade), tempos e com diversos formadores, tendo como foco principal a formação integral dos sujeitos e o desenvolvimento local (TOCANTINS, 2015).

Como explicitado no PPP da EFA, a proposta da alternância acontece em períodos de formação no CEFFA, através do acompanhamento da equipe de monitores, alternados semanalmente, com períodos de formação no meio familiar, profissional e comunitário, articulada pelo conjunto de instrumentos pedagógicos (TOCANTINS, 2015).

Esse formato de alternância de tempo semanal (em diferentes espaços e estratégias pedagógicas) seguido pela EFA evita o cansaço físico que atrapalha o rendimento escolar. Isso porque as longas rotas diárias de transporte escolar, além de despesas com o próprio transporte e quadro pessoal, em virtude da escola atender alunos de vários municípios do Estado do Tocantins, torna o ir e vir dos alunos desgastante e oneroso. Além disso, a permanência dos alunos durante a semana na EFA possibilita o desenvolvimento das atividades dessa proposta pedagógica, como também a prática de vivência diária que humaniza e estimula o “aprender a conviver”, pautada essencialmente no diálogo educativo para a formação integral (TOCANTINS, 2015).

Nessa perspectiva, tal proposta se torna uma alternativa viável de educação que, como afirma Gimonet (2007), possibilita um processo de ensino e aprendizagem dinâmico, que acontece em espaços diferenciados e alternados, valorizando o aprender pelo fazer, por meio de experiências e situações diárias, baseando-se numa ampla rede de conhecimentos e atitudes que possibilitam a interação entre a reflexão e a experiência. Esse processo permite que os estudantes tragam seus conhecimentos da vida do campo para o espaço escolar e levem o aprendizado obtido para sua vida no campo.

Essa questão também é expressa pelo Professor 1 (2015), quando considera que não existe uma proposta melhor de ensino que essa, já que ela:

[...] considera não só esse tempo alternar (tempo-escola e tempo-família/comunidade), mas sim é um conjunto de atividades que incluem a questão ensino e aprendizagem; [...] questão da teoria baseada em Paulo Freire que está lá no nosso Projeto Político Pedagógico; também a questão da ação-reflexão-ação.

Nessa compreensão, a alternância perpassa a questão de alternar tempo para o aluno, visto que considera aliar a teoria à prática em diferentes espaços de aprendizagem. Essa questão é o que aponta e defende Gimonet (1999), para quem a Pedagogia que se baseia na alternância de tempo e de local de formação (de períodos em situação socioprofissional e em situação escolar). De acordo com o autor:

[...] significa, sobretudo, uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, colocando assim a experiência antes do conceito. (GIMONET, 1999, p. 44).

Silva (2012, p. 25) também ressalta a relação vida-escola ao mencionar que a alternância é vista como um conjunto de “estratégias de escolarização que possibilitam aos jovens que vivem no campo conjugar a formação escolar com as atividades e tarefas na

unidade produtiva familiar, sem desvincular-se da família e da cultura do meio rural”. A conjugação mencionada pela autora também pode ser observada na fala do Professor 3, a seguir:

A Pedagogia da Alternância é a espinha dorsal da escola. Nós temos instrumentos que norteiam tudo que a gente já faz na escola. Ela não se baseia só no menino que fica uma semana aqui e outra semana lá; este método de avaliação serve como instrumento para a Pedagogia. Nós já temos quatro séries de avaliação, só uma que é em sala; as discussões do nosso projeto e a família que é quatro capacitações anuais, família e encontro. Então, a pedagogia é a alma da escola; ela que norteia o projeto. Nós temos seis Planos de Estudos que movimentam as turmas, que chamam as disciplinas para correlacionar o que o professor em sala com aquele tempo estudado. Neste tempo, os meninos constroem dois textos, elaboram desenhos, relatórios de visitas (também ajuda no português). (PROFESSOR 3, 2015).

Nesse sentido, no que tange aos instrumentos utilizados para o acompanhamento e avaliação dos alunos no contexto da práxis pedagógica, observa-se que a EFA desenvolve suas atividades na perspectiva da alternância real, que, segundo Silva (2012, p. 30):

[...] consiste em uma efetiva implicação, envolvimento do alternante em tarefas da atividade produtiva, de maneira a relacionar suas ações com a reflexão sobre o porquê e o como das atividades desenvolvidas [...]. Trata-se, portanto, de uma situação educativa caracterizada por forte interação entre os diferentes momentos da aprendizagem – quer elas sejam individuais, relacionais, didáticas ou institucionais, com possibilidades de transformação dos seus campos e dos atores em presença.

É nessa ótica que Gimonet (1982, p. 52) ressalta que essa alternância real permite “uma formação teórica e prática global, possibilitando ao aluno construir seu próprio projeto pedagógico, desenvolvê-lo e realizar um distanciamento reflexivo sobre a atividade desenvolvida”. Essa tipologia é definida por Bourgeon (1979) como alternância copulativa, em que se caracteriza a compenetração efetiva dos meios de vida socioprofissional e escolar em uma unidade de tempos formativos.

Tanto Gimonet (1982) quanto Silva (2012) ressaltam que a alternância real proposta por Malglave (1979) possibilita o intercâmbio de experiências e ideias. Todavia, esse discurso de alternância real não pode ser percebido em muitas EFAs, uma vez que a forma de escolarização nem sempre é realizada em conformidade com os princípios pedagógicos da alternância.

Dessa forma, a alternância deve ser aquela que possibilita uma articulação de aprendizagem em seus espaços de formação em que considera o diálogo meio necessário para formação do ser humano:

[...] diálogo entre o mundo da escola e o mundo da vida, a teoria e a prática, o universal e o específico, enfim uma escola que, enraizada na cultura do campo, contribui para a melhoria nas condições de vida e de trabalho dos agricultores(as), e principalmente numa formação humana e criativa da pessoa. (SILVA, 2007, p. 58).

Assim, a alternância não se trata apenas de uma sucessão alternada em espaços (escola e família/comunidade) organizada por um plano didático, mas sim representa um processo de interação entre dois momentos de aprendizagem que se completam simultaneamente, visto que a Pedagogia da Alternância permite a vivência de um projeto de construção e comprometimento com o saber.

Ao serem questionados sobre a prática da alternância e os instrumentos didático-pedagógicos utilizados para acompanhar, avaliar as atividades/ações da Pedagogia da Alternância, os entrevistados da EFA descreveram como acontece esse processo. De acordo com o relato do Professor 1, no início do ano, após o levantamento de matrículas, a escola organiza os alunos por região e cada servidor fica responsável por acompanhá-los em sua comunidade, por meio dos instrumentos pedagógicos próprios para isso.

Outro professor também descreve essa chegada e a organização feita:

É desde a semana que eles chegam com motivação, [...] tem o momento de acolhida dos estudantes, depois nós temos um momento de professores, monitores; a gente senta em grupo para motivá-los e para saber como foi a semana deles em casa; o que a gente chama de acompanhamento personalizado, que para mim é um momento único. Quando a família chega aqui (ela é da comunidade), já sabe como é o acompanhamento do filho. Outra coisa que eu acho muito bom aqui é o protagonismo; a gente trabalha muito isso com eles; o protagonismo juvenil para eles serem líderes. Nós temos o estudante que é o coordenador da semana; aqui a gente trabalha como instrumento que é os alunos que coordenam o horário de entrar e sair. Outra coisa: as visitas são importantíssimas [...]. (PROFESSOR 4, 2015).

No retorno dos alunos de suas casas, os professores realizam um momento para recebê-los e oportuniza a socialização de como foram os momentos do tempo-família/comunidade e os saberes aprendidos. Segundo o Professor 2, o “[...] *foco principal é a convivência. Eles têm que saber conviver no todo, dentro do espaço escolar; [...] eles têm que saber interagir com todos, mesmo com pessoas que tenham a personalidade muito diferente das outras*”.

Cabe salientar que os servidores que trabalham nessa EFA são considerados monitores, já que a proposta da Pedagogia da Alternância exige a colaboração dos sujeitos no processo de aprender. Isso pode ser observado pelo relato do Professor 3: “*Todos os servidores são monitores! Aqui é difícil falar na palavra “professor”; aquele que só profeta na sala de aula não tem aqui, não tem como vir para este modelo de escola dar aula e ir*

embora”. Analisando essa colocação do professor entrevistado, é possível perceber o envolvimento que os servidores têm na organização dos afazeres da escola, muitas vezes desempenhando o papel para além de monitores: exercem a função de tutor, orientador, acompanhante, animador da formação, como apontado por Gimonet (2007).

Para o desenvolvimento das atividades educativas dos estudantes foram pensadas ações a serem realizadas nos espaços de formação escolar e comunitária. Nesse sentido, os instrumentos didático-pedagógicos foram organizados em quatro grupos de ações: no internato, na comunidade, no internato articulado com a comunidade, e nas organizacionais do processo de ensino e aprendizagem (TOCANTINS, 2015).

No planejamento, acompanhamento e avaliação das ações da EFA são utilizados os Instrumentos Pedagógicos que são concebidos como dispositivos de ação que possibilitam a efetivação da Pedagogia da Alternância, permitindo ao estudante, relacionar-se com a família, com os parceiros da formação, com o conhecimento científico e com o meio socioprofissional e cultural de maneira ativa, buscando sua formação integral e sua atuação para o desenvolvimento do meio. Esses instrumentos têm espaços dentro da estrutura escolar e são utilizados de forma transversal nas disciplinas curriculares (TOCANTINS, 2015). Para Pereira (1999 apud TOCANTINS, 2015), os instrumentos pedagógicos são elementos metodológicos específicos que buscam associar os saberes do cotidiano com os conhecimentos científicos, por meio da experiência, observação, comparação, análise e saber empírico.

Assim, os instrumentos pedagógicos auxiliam no processo de interação entre escola, família e comunidade, estando presentes na perspectiva da proposta da Pedagogia da Alternância, uma vez que:

[...] são eles que indicam o caminho, dinamizam a atividade ou deixam de fazê-lo, injetam sentido. Seu conhecimento do meio, das práticas profissionais, sua atitude, seu relacionamento com o meio profissional, familiar e social dos alternantes, seu saber-fazer pedagógico, o lugar e o valor que conferem a esta atividade no processo de formação tornam-se fatores de seu êxito. (GIMONET, 2007, p. 37).

É importante destacar que, os instrumentos didático-pedagógicos são elementos essenciais na dinâmica de construção do conhecimento da proposta da Pedagogia da Alternância para a Educação do Campo, pois possibilita fazer essa articulação no ato de planejar, executar e avaliar a aprendizagem dos estudantes em seus vários espaços de aprendizagem, como frisa o Professor 1:

*É assim como a gente trabalha com os temas geradores, que é um instrumento que chamamos de Plano de Estudo. O **Plano de Estudo** é uma*

*pesquisa que o aluno realiza em casa com temas geradores, sendo que tem um central (coletivo) da escola por cada série. [...] pelo tema gerador eu tento inserir na minha disciplina. Um outro instrumento que depende desse que é o **Caderno da Realidade**; eu trabalho com a tipologia textual, o primeiro texto que eles produzem é a dissertação descritiva e construo com eles textos descritivos; no texto dois eles tem que fechar tudo o que falamos e que criar um texto apresentando o que ficou de aprendizado que seria a dissertação descritiva argumentativa. Eu trabalho também espanhol [...] pego o tema cidadão que foi o tema anterior deles, e trabalho todos os aspectos de um cidadão. Por exemplo, em espanhol como um cidadão trabalha formal e informalmente. Na minha disciplina não é difícil, mas tem professor que pena muito para fazer esta junção. (PROFESSOR 1, 2015, grifo nosso).*

Desse modo, os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância são utilizados na EFA para articulação das disciplinas a partir dos temas geradores, possibilitando ao estudante um entendimento global dos assuntos abordados nos espaços de aprendizagem (escola, família, comunidade), que, para o educador Freire (1996), facilita o processo de ensino e aprendizagem e melhora a compreensão do conteúdo estudado. Além disso, segundo os entrevistados, no planejamento são levados em conta, ainda, o nível de cada turma, os espaços de aprendizagem dos jovens e as condições oferecidas pela escola para realização das atividades.

Para Palitot (2007, p. 17), “a utilização de instrumentos pedagógicos próprios busca um processo de formação docente diferenciado e visa o fortalecimento da relação escola/comunidade na gestão, organização e coordenação da proposta educacional”. Nas falas dos entrevistados, percebe-se que o Plano de Estudo “*é o instrumento mais forte [...] que tem um tema central*” (PROFESSOR 3, 2015). A partir dele são trabalhados os temas geradores e são desenvolvidas outras atividades, como intervenção interna e externa (auxílio de pessoas especialistas na área, de dentro ou de fora da instituição), colocação em comum (socialização das ações executadas) e projeto multidisciplinar. Este último propicia apresentação dos conteúdos estudados por meio de “*teatro, dança, música, slide, de cordel*” (PROFESSOR 3, 2015).

Outros professores também discorreram sobre os instrumentos pedagógicos e como são utilizados na EFA:

[...] a gente tem o Plano de Estudo [...] é o principal, o mais estudado [...], a espinha dorsal; temos o Caderno de Acompanhamento que é o instrumento que liga a família a gente; temos o acompanhamento personalizado, o PPJ que é o Projeto Pessoal do Jovem, o Projeto de Vida também, o Caderno da Realidade que está ligado ao Plano de Estudo e a visita às famílias (PMDP).

Nós temos vários instrumentos que a gente pode utilizar; com relação às famílias, especificamente, nós temos quatro encontros de família por ano [...] chamamos de formação das famílias; ele acontece em dois dias; um dia

só de formação que discutimos os índices bimestrais, como foi o desempenho das turmas, qual é o papel da família neste processo, o que a gente precisa contar com a participação destas famílias e a noite cultural; e outro dia é assembleia de pais [...] Outro instrumento muito usado hoje é o Caderno de Acompanhamento; [...] tem um registro semanal e o que eu acompanho tem um registro que eu oriento que eu mando recado, que eu posso incentivar o estudante e a família (ela tem um espaço que ela pode ver como estar este filho). Este também é um instrumento que a gente utiliza [...] dentro de sala e em todas as disciplinas da matriz curricular tem uma finalidade, então, por exemplo, tem cinco horas de aula dentro da escola e duas horas dentro da comunidade. E os professores cobram esta atividade, este retorno e isso quando não vem, eles passam para a gente da coordenação. [...] E nós da coordenação tentamos fazer esta ponte para que [o elo com] a comunidade seja melhor. (PROFESSOR 3, 2015).

Os instrumentos pedagógicos revelam aspectos importantes na dinâmica do planejamento, acompanhamento e avaliação da educação na Pedagogia da Alternância, dentre eles, podemos destacar os mais utilizados são: Estágio Interno, Estágio da Propriedade, Intervenção Externa, Caderno da Realidade, Plano de Estudo, Atividades na área da agricultura, visitas às famílias, Colocação em Comum e Caderno da Realidade.

Destaca-se, ainda, que os Planos de Estudos da EFA são elaborados em sala de aula com a participação dos alunos, por meio de um questionário, a partir da construção de temas geradores para serem desenvolvidos com suas famílias em sua comunidade. Após a execução dos planos, os alunos socializam as ações/atividades realizadas (Colocação em Comum). Diante disso, podemos perceber que esse instrumento (Plano de Estudos) é um dos mais utilizados pelos professores/estudantes dessa instituição.

Ao analisar as respostas dadas pelos professores da EFA, podemos observar a recorrente referência à avaliação constante das atividades, via os instrumentos pedagógicos, bem como o constante repensar do PPP da escola. Nesse sentido, segundo Veiga (2002, p. 32), “acompanhar as atividades e avaliá-las leva-nos a reflexão com base em dados concretos sobre como a escola organiza-se para colocar em ação seu projeto político-pedagógico”.

Ainda, sobre esses instrumentos, Palitot (2007, p. 18) menciona que:

Os instrumentos pedagógicos da Alternância possibilitam às escolas que a utilizam realizar a educação nas três dimensões possíveis, que são: a educação formal (escola), a educação não-formal (práticas educativas realizadas na comunidade e na sociedade) e a educação informal (família).

Outra prática desenvolvida pela escola é a das visitas aos alunos em suas comunidades (acompanhamento *in loco*). Em virtude da distância entre a escola e as comunidades de origem de muitos alunos, essa atividade demora até dois dias, o que necessita de uma logística de tempo e de recursos financeiros (nem sempre disponíveis à escola) e, muitas vezes, as

visitas não acontecem com a frequência necessária para um bom acompanhamento do trabalho.

Por meio das informações obtidas nas entrevistas, é possível observar que os sujeitos participantes acreditam que os conteúdos e a forma como eles são trabalhados contemplam os objetivos e a proposta da Pedagogia da Alternância. E que a prática pedagógica proposta é praticada pela EFA, o que permite ao aluno aprender técnicas que serão úteis para a vida no campo.

De acordo com as falas dos entrevistados, as práticas e os projetos desenvolvidos no cotidiano escolar estão em consonância com o que é previsto em seu PPP. Ainda é oportuno destacar as parcerias que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e para bom o funcionamento da escola, como mencionado pelo Professor 1 (2015):

[...] na verdade nós temos projetos que são do próprio governo [...] os programas; e temos os projetos de disciplinas; temos projetos junto ao Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) que são os outros cursos de formação [...]; Ensino Médio Normal e Técnico em Agroecologia integrada ao Ensino Médio que é fruto de convênio com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); temos um financiado pela PETROBRÁS; [...] tem outros parceiros também e dentro da nossa proposta tem vários outros projetos também na área agrícola [...]. Dentro da estrutura nós temos uma disciplina chamada de prática de agricultura e zootecnia; isso tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. E no PRONERA no Agroecologia também eles têm [...] aulas/atividades no campo [...]. O jardim, por exemplo, é resultado destas aulas práticas [...].

Na propriedade da EFA existem várias estruturas simples de Unidades Demonstrativas (UDs) e/ou pedagógicas de produção implantadas relacionadas às atividades da agricultura familiar, com o objetivo de serem trabalhadas dentro dos princípios da sustentabilidade. Nelas, os estudantes desenvolvem atividades voltadas às disciplinas Práticas Alternativas em Agricultura e Zootecnia e Práticas em Agricultura e Zootecnia. A presença dessas estruturas, como aponta o Professor 1, “*não é para gerar uma renda para vender, mas para o estudante perceber o aspecto [da aprendizagem] porque a gente prepara o aterro, a terra etc.*”.

Sobre essa questão, o Professor 3 (2015) também descreve algumas dessas atividades desenvolvidas:

[...] prática agrícola: primeiro nós construímos unidades demonstrativas de estudos (temos mais de onze unidades na escola). O que é isso? É um estudo de bovinos, de avicultura, de oleicultura etc. onde a gente desenvolve estudos, pesquisa para a família ver se é viável, [se] vai utilizar lá ou não. A gente trabalha; é um desafio nosso que as disciplinas de base comum se apropriem das atividades pedagógicas agrícolas e façam essa ponte com as disciplinas.

As UDs servem como espaços de aprendizagem para realização das aulas práticas do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e, ainda, como espaços de divulgação de experimentos, com vistas a motivar as famílias e comunidades camponesas na luta pela melhoria da qualidade de vida (TOCANTINS, 2015).

Segundo o Professor 3 (2015), a EFA entende que as UDs possibilitam aos alunos a aprendizagem de técnicas passíveis de aplicação em suas comunidades, contribuindo, assim, com o desenvolvimento daquele local. Por isso, como já mencionado, as UDs não têm a finalidade de produzir em grande escala, uma vez que, se isso acontecesse, a EFA se restringiria à parte produtiva, o que não se configura como objetivo da escola, que é o de desenvolver um trabalho que promova a formação integral dos sujeitos.

Analisando as considerações feitas pelos entrevistados sobre a prática e os instrumentos pedagógicos utilizados na Proposta de Alternância, percebe-se que, para a efetivação dessa proposta, faz-se necessário o enfrentamento de desafios por parte dos servidores na relação entre teoria e prática em função da realidade de cada contexto, e atrelado aos fatores sociais, econômicos, culturais e políticas, principalmente quando se trata de escolas localizadas no campo.

Assim sendo, os apontamentos sobre as práticas da Pedagogia da Alternância que vem sendo trabalhadas na EFA correspondem ao defendido por Pacheco e Grabowski (2012), os quais indicam que a alternância pressupõe uma formação educativa, integral, humana e técnica contextualizada na realidade, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável.

Delors (2003) ressalta que a formação integral pela alternância acontece com o desenvolvimento dos quatro pilares da Educação: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”. Segundo tal autor, o ensino deve ser estruturado com intuito de que a educação surja como uma experiência global a ser concretizada ao longo de toda a vida, tanto no plano cognitivo quanto no prático (DELORS, 2003).

Uma das dificuldades relatadas pelo Professor 1 no trabalho com tempo-comunidade, refere-se ao nível de conhecimento de algumas famílias no que concerne a compreensão da proposta da Pedagogia da Alternância. Isso dificulta o acompanhamento das atividades dos jovens no processo de ensino e aprendizagem e, principalmente, no trato com os instrumentos pedagógicos da alternância, como também nas atividades consideradas por alguns apenas como “dias de folga”:

[...] *eles acham que [como se] estudou uma semana, então aquela semana*

que está em casa é para descansar; não é todos [...], porque tem alguns trabalhos que a gente tem o retorno maravilhoso; o desenvolvimento deles com a comunidade vai além desse “cumprir tarefas”; tem os meninos que acham que é uma semana de folga, quando eles estão aqui a rotina é puxada; eles têm aulas de manhã, a tarde e a noite. Até mesmo pelas dificuldades dos pais, porque são semianalfabetos; [...] nas atividades, muitas delas da Pedagogia da Alternância, precisam da participação da família ou comunidade. (DIRETOR, 2015).

De acordo com a fala do entrevistado, a escola procura os meios necessários para facilitar a articulação da alternância entre a escola e a comunidade para que de fato aconteça a aprendizagem, e que as atividades no tempo comunidade visam uma ação conjunta e integrada com as famílias. É nessa interação entre escola, famílias e contexto sociopolítico que a construção de uma alternância integrativa é possibilitada. Isso porque, segundo Silva (2012, p. 111), “[s]e numa formação tradicional a condução do processo educativo pertence prioritariamente à escola, essa concepção não é mais adequada quando se busca uma alternância integrativa, em que a sucessão família-escola deve constituir a base de todo o processo educativo”.

Assim, a EFA pesquisada articula – por meio dos instrumentos pedagógicos – essa participação, criando situações de interação com encontros de formação, realizando palestras e atividades na e fora da escola para os pais e alunos, diretores, monitores, com intuito de sensibilizá-los sobre as responsabilidades mútuas.

Dessa forma, a relação entre família-escola vai se construindo gradativamente, podendo, assim, possibilitar uma visão mais assertiva do trabalho da escola por parte das famílias, sobretudo no acompanhamento dos seus filhos no contexto escolar, como pontua o Professor 4 (2015): [...] *nesse processo há uma necessidade muito grande da família entenda o processo; se ela não entender não vai dar um apoio necessário [...] que é um desafio imenso.*

A apreensão desses saberes é fundamental para que essas famílias possam lidar com as atividades do cotidiano dos seus filhos, em virtude, principalmente, de que o trabalho com a alternância não funciona sem a participação desses pais. E esse acompanhamento se dá em diversos momentos e a partir dos instrumentos pedagógicos da alternância:

O Caderno de acompanhamento é uma forma de meio de comunicação também entre a família e a escola; a visita [...] nos encontros ao ano, mas há alguns casos que tivemos que usar a suspensão da semana, [...], [se o aluno] descumprir alguma norma mais séria ou vem repetindo este comportamento a gente convoca a família. Eles comparecem neste compromisso, porque também está no termo de compromisso na matrícula dele; a gente não faz aquela matrícula igual ao do estado, eles se comprometem a acompanhar os filhos. (PROFESSOR 1, 2015).

Em relação à participação dos pais e comunidade na vida dos filhos na EFA, o Coordenador (2015) assim se manifestou: “[...] *a família se envolve muito aqui na escola, [...] são parceiros muito importantes no nosso processo. Se você tiver um problema e precisar fazer uma reinvenção, eles estão sempre junto com a gente*”.

O Plano da Família é um dos instrumentos que propicia a participação dos familiares na tomada das decisões da EFA, que pode ser evidenciado quando o Professor 3 (2015) relata: “*nós tivemos na semana passada a reconstituição do Regimento Escolar; foi apresentada às famílias a proposta [...] para o conselho poder aprovar e entrar em vigor*”; algo que é também elucidado pelo Diretor (2015): “*E perceptível que existe aquele percentual que alguns pais percebem muito bem o processo e [por] isso [...], sem dúvida, o filho avança muito*”.

Pacheco e Grabowski (2012, p. 8) destacam que a família se constitui como “parte fundamental do processo educacional”, visto que “é ela quem oferece o primeiro espaço de socialização de valores e conduta”. Dessa forma, ela se faz imprescindível na alternância, representando o ponto de apoio e de integração para o processo de aprendizagem.

Ainda sobre essa questão, o PPP da EFA pesquisada destaca que um dos meios necessários para o desenvolvimento da educação por alternância é o diálogo com a realidade (TOCANTINS, 2015). Essa compreensão coaduna com o defendido por Caliari (2012, p. 151), para quem:

[o] diálogo com a realidade campesina permite tecer, como eixos fundamentais, uma educação da opção, no sentido da escolha entre valores humanos ou mercantis; de uma prática agrícola agroecológica ou agroquímica, que se coloca hoje como elemento decisivo nas opções econômicas, políticas e sociais em relação à sustentabilidade da vida no planeta; uma educação para percepção, no sentido de cada pessoa ou coletivo campesino perceberem-se como autores compondo um processo que se enraíza no passado e nos saberes/fazer elaborados pelas gerações no espaço familiar e que se projeta no futuro; e finalmente uma educação para a autonomia no sentido de os povos do campo serem motivados a decidir suas representações, suas artes, suas linguagens, suas estratégias e suas místicas.

Assim, faz-se pertinente destacar que EFA pesquisada não atua somente na formação dos alunos, “mas também dos familiares, da comunidade, uma vez que estes são parte constitutiva da proposta pedagógica da alternância”, como indica Souza (2008, p. 9) em suas pesquisas. Desse modo, como destaca o autor, é propiciado a todos os envolvidos a possibilidade de (re)criarem valores, aprenderem “novos sentidos e significados pela luta e trabalho na terra e novas relações sociais de produção, por meio das discussões e atividades

na e fora da escola e nos encontros de formação entre pais e alunos, diretores, monitores e outros dirigentes do movimento das EFAs” (SOUZA, 2008, p. 9).

Em relação às contribuições da Pedagogia da Alternância para a formação dos estudantes, um dos entrevistados assim se manifestou:

[...] a Pedagogia da Alternância é formar estudante para a vida! As escolas tradicionais formam os estudantes para a carreira profissional, mas as EFAs, na dinâmica da Pedagogia da Alternância, formam estudantes para a vida. Para a EFA, hoje, não importa que os estudantes não sejam aprovados no vestibular, mas se eles conseguem viver bem na sociedade, saber o que é direito e o que é dever deles. Se compreendem esta proposta, vão viver muito bem lá fora. Nós temos vários alunos nossos que estão concursados, fazendo mestrados, são secretários e também temos os que estão lá na rua. Para mim, a contribuição da Pedagogia da Alternância é formar cidadão para a vida. (COORDENADOR, 2015).

Sobre essa questão, Dias (2006, p. 124) explica que a Pedagogia da Alternância proporciona uma formação integral e transformadora dos jovens do campo e, por meio do trabalho coletivo (escola e família), possibilita o desenvolvimento uma formação plena, algo também definido e defendido pelo Professor 1 (2015): “Ela propõe a formação integral, porque não é esta formação só técnica ou científica, ela propõe esta formação integral mesmo; [...] é constante o estudo que você vê principalmente a parte da formação pedagógica”.

Outro entrevistado aponta para o caráter emancipatório de sujeitos que a Pedagogia da Alternância possui:

Tudo nesta pedagogia forma um cidadão; tudo que é proposto não é só formar um profissional, é formar gente, [uma] pessoa capaz de transformar seu meio. Então, o que eu entendo da pedagogia é que ela fortalece o integral, o científico, o humano, o responsável. Aquele que modifica o meio. A pedagogia fortalece mesmo; o estudante pesquisa a comunidade, um problema ou solução; ele discute e volta e faz o retorno para a comunidade. Ele aprende a viver com o diferente, porque você imagina na escola temos cento e poucos jovens; dormem juntos; são responsáveis pela sala, pela escola, organização do dormitório. Então, cria responsabilidade, humanidade, [aprendem] a conviver com o diferente, respeitar o outro, e aprendem o científico; temos parceria de jovens nossos que já foram para fora do Brasil. Nós temos um intercâmbio entre as EFAs nacionais, então tem jovens que tiveram a primeira oportunidade de viajar por aqui. Então, esta pedagogia fortalece o todo e não vejo uma melhor! (COORDENADOR, 2015).

Diante dos elementos apontados pelos entrevistados, podemos destacar que a maior contribuição que a Pedagogia da Alternância dá aos alunos de escolas do campo é no sentido do saber, do fazer e do ser. A concepção da ação educativa pela alternância não se restringe

somente ao contexto escolar em sala de aula, mas, sim, na contextualização do espaço educativo para além do ambiente interno da escola, que permita a interação com pais, profissionais do meio, associações de produtores, lideranças de comunidades, que também são referências de saberes e competências.

Nesse sentido, Gimonet (2007, p. 28) menciona que a “eficiência educativa e formativa da Alternância [está] ligada à coerência entre todos os componentes da situação de formação e, notadamente, entre as finalidades, os objetivos e os meios do dispositivo pedagógico”. Isso porque, como bem pontua o Monitor (2015) entrevistado, há diferentes mundos e objetivos nesse trabalho:

Tem muito resultado [...], a Pedagogia da Alternância não se preocupa apenas com a formação do estudante e de conteúdo, [...] a gente tenta mexer com todos os estudantes, o lado pessoal deles, o lado profissional, o caráter; então a gente vê muitas mudanças. Agora mesmo eu estava conversando com um professor que é novato, ele colocando [...] como é diferente o respeito aqui. Claro que antigamente tinha aqueles que eram do campo, estritamente camponês, nascido e criado lá; hoje o que acontece? Tem pessoas que morava na cidade e estão no campo ou estavam no campo e foram para a cidade; então é um monte de pessoas e um monte de projetos. E aí a gente percebe muitas mudanças! Tem caso de projeto que o jovem vive do projeto que ele implantou lá na comunidade dele. (MONITOR, 2015).

Para Vergutz e Cavalcante (2014, p. 385), “a Pedagogia da Alternância assume-se como proposta educativa na perspectiva de uma teoria-prática emancipatória”, em que ela se “apresenta em oposição e assim, possibilita vivências de aprender e conhecer, trabalhadas na perspectiva da horizontalidade dos saberes do campo, em outras palavras articulação dos saberes como alternativa de um processo emancipatório”.

Sendo assim, observa-se nos relatos dos professores evidências importantes da contribuição da Pedagogia para a vida dos estudantes na perspectiva da formação integral das famílias e das pessoas que estudaram na EFA. Isso mostra que a escola procura desenvolver seus trabalhos para além dos conteúdos de sala de aula.

Concluindo a conversa

Em observância aos objetivos da pesquisa, os resultados nos permitem inferir que EFA estudada apresenta pressupostos da Pedagogia Alternância, evidenciando perspectivas de formação integral, capazes de interferir na vida dos sujeitos que vivem no e do campo.

Analisando os dados coletados nas entrevistas realizadas com o diretor, o coordenador pedagógico, professores e monitores, é possível perceber que a EFA pratica a Pedagogia da

Alternância considerando os contextos socioculturais dos sujeitos que vivem no e do campo, com vistas a realizar o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da construção dos conhecimentos para a formação integral. Suas ações são realizadas por meio de estratégias pedagógicas em que se realizam as atividades em sessão escolar e sessão família-comunidade, no sentido de articular os saberes por meio da reflexão, ação e reflexão.

Nessa perspectiva, a Alternância pode ser caracterizada como “Alternância Real”, dada a sua efetiva “interação entre os diferentes momentos da aprendizagem – quer elas sejam individuais, relacionais, didáticas ou institucionais, com possibilidades de transformação dos seus campos e dos atores em presença”, conforme nos aponta Silva (2012, p. 26), baseando-se nos estudos de Gimonet (1982) e Bachelard (1994).

A EFA desenvolve suas ações pedagógicas em consonância com os diversos saberes, contribuindo, assim, no processo de construção da identidade camponesa, na busca do conhecimento para a formação integral e desenvolvimento sustentável dos sujeitos camponeses. Percebe-se, ainda, a repercussão das atividades desenvolvidas nas famílias-comunidades, visto que visa à formação de um cidadão mais politizado, que luta pelos seus direitos.

Considerando que os registros históricos marcam a negligência das políticas educacionais à população do campo, podemos observar na EFA pesquisada e sentir nas falas dos entrevistados, o valor e a importância da educação em alternância para o desenvolvimento das comunidades onde residem os estudantes. Disso depreende-se que o Tocantins ainda tem muito que fazer a fim de ofertar uma educação do campo, para o campo e no campo. Isso nos permite dizer que se faz necessária a realização de pesquisas que tematizem a Educação do Campo em todos os níveis de ensino e em suas diferentes perspectivas.

Notas

¹ Quando nos referirmos à proposta “Pedagogia da Alternância”, grafamos com inicial maiúscula; quando se referir ao substantivo “alternância” sem referência direta a terminologia da proposta, será grafado com letra minúscula.

² Fundador do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) em 1969, mais precisamente na cidade de Anchieta. Trabalhou intensamente na promoção integral do homem do campo, foi o grande incentivador da instalação das primeiras Escolas Famílias Agrícola no Brasil. Exerceu o ministério sacerdotal como cooperador e Pároco de Anchieta e Alfredo Chaves, ES.

³ Porto Nacional, Brejinho de Nazaré, Nova Fátima, Miracema do Tocantins, Rio Sono, Marianópolis, Casera, Chapada da Natividade, Palmas, Monte do Carmo, Ponte Alta do Tocantins, Pium, Esperantina, Nova Rosalândia, Oliveira de Fátima, Cristalândia, Silvanópolis, Lizarda, Lagoa do Tocantins, Novo Acordo, Dois Irmãos, Araguatins, São Bento, Cachoeirinha, Ananás, Angico, Darcinópolis, Araguaína, Babaçulândia, Nova Olinda, Dois Irmãos, Juarina, Pequizeiro, Pium, Araguacema, Tocantínia, Novo Acordo, Pindorama do Tocantins, Peixe, Figueirópolis, Jaú, São Salvador, Dianópolis, Colinas do Tocantins, Santa Rosa, Ipueiras e Araguacema.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antulio José de. *A formação de técnicos agropecuários e a alternância no Estado de São Paulo: uma proposta inovadora*. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 1998.

BACHELARD, Paul. *Apprentissage et pratiques d'alternance*. Paris: L'Harmattan, 1994.

BEGNAMI, João Batista. *Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e alternâncias: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores*. 2003. 319f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa e Universidade François Rabelais, Belo Horizonte, 2003.

BOURGEON, Gil. *Socio-pédagogie de l'alternance*. Paris: Messonance, Éditions UNMFREO, 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. *Diário Oficial da União*, Brasília, 9 abr. 2002.

BRASIL. Lei nº 12.960, de 27 de março de 2014. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. *Diário Oficial da União*, Brasília, 28 mar. 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

CALIARI, Rogério. A prática pedagógica da formação em alternância: novos espaços possíveis de serem realizados. *Visioni Latino Americane*, Trieste, IT, n. 7, lug. 2012. Disponível em: https://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/7303/1/Caliari_VisioniLA_7_2012.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

DELORS, Jacques. Os 4 pilares da educação. In: DELORS, Jacques (Org.) *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Regina Arruda. Pedagogia da alternância: participação da sociedade civil na construção de uma educação sustentável e cidadã. In: QUEIROZ, João Batista Pereira de; SILVA, Virgínea Costa; PACHECO, Zuleica (Org.). *Pedagogia da Alternância: construindo a educação do campo*. Goiânia: UNIVERSA, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIMONET, Jean-Claude. *Alterance et relations humaines*. Paris: Messonance, 1982.

GIMONET, Jean-Claude. “L’Alternance en Formation. ‘Méthode Pédagogique ou nouveau système éducatif?’ L’expérience des Maisons Familiales Rurales”. In: DEMOL, Jean-Noel; PILON, Jean-Marc. *Alternance, Développement Personnel et Local*. Paris: L’Harmattan, 1998. p. 51-66. (Tradução de Thierry De Burghgrave). Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-2/Educacao-MII/2SF/Alternancia.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GIMONET, Jean-Claude. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as casas familiares rurais de educação e de orientação. *Revista Pedagogia da Alternância*, Salvador, n. 2, nov. 1999.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs*. Petrópolis: Vozes; Paris: AIMFR, 2007.

MALGLAIVE, Georges. La formation alternée des formateurs. *SIDA*, n. 297, p. 34-48, jan. 1979.

MEPES. Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. *Uma cultura nova para um mundo novo*. Vitória, 1976. Mimeografado. (Documentário, IIº Simpósio).

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy de. *Pedagogia da Resistência: alternativa de educação para o meio rural*. Gurapari, ES: EX Libris, 2007.

PACHECO, Luci Mary Duso; GRABOWSKI, Ana Paula Noro. A pedagogia da alternância e o enfrentamento das situações problemas no meio rural: a visão do egresso da Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen. In: SEMINÁRIO ANPED SUL, 8. 2012, Caxias do Sul. *Anais... Caxias do Sul: UCS, 2012*. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Popular/Trabalho/12_27_05_1960-6559-1-PB.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

PALITOT, Maria de Fátima de Souza. *Pedagogia da Alternância: estudo exploratório na Escola Rural de Massaroca (ERUM)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

PESSOTTI, Alda Luzia. *Escola da Família Agrícola: Escola da Família Agrícola uma alternativa para o ensino rural*. 1978. 194 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. *Construção das Escolas Família Agrícolas na Brasil: Ensino médio e educação profissional*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SILVA, Lourdes Helena da. Concepções e Práticas de Alternâncias na Educação do Campo: dilemas e perspectivas. *Nuances: estudos sobre a educação*, Marília, v. 17, n. 18. p. 189-192, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/760/780>. Acesso em: 20 fev. 2015.

SILVA, Lourdes Helena da. *As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?* Viçosa: Editora UFV, 2012.

SILVA, Maria do Socorro. A Formação Integral do Ser Humano: referência e desafio da Educação do Campo. *Revista Formação por Alternância*, Brasília, ano 3, v. 1, n. 5, p. 45-61, 2007.

SOUZA, João Valdir Alves de. Pedagogia da alternância: uma alternativa consistente de escolarização rural? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu. *Anais...* Caxambu, MG: ANPED, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt14-4500-int.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

TOCANTINS. *Projeto Político Pedagógico da Escola Família Agrícola de Porto Nacional*. Porto Nacional, 2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. São Paulo: Papirus, 2002.

VERGUTZ, Cristina Luisa Benck; CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. As aprendizagens na Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p. 371-390, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/5057/3697>. Acesso em: 5 mar. 2015.